

PELAS ESQUINAS
DO TEXTO,
COM CARMÉLIA M. DE SOUZA

BY THE CORNERS
OF THE TEXT,
WITH CARMÉLIA M. DE SOUZA

Renata Oliveira Bomfim*

Carmélia Maria de Souza fez da crônica um campo fértil de criação literária. A “cronista do povo”, como ela mesma se intitulava, foi uma *persona dramatis* e criou performances que lhe permitiram perscrutar a própria identidade e se desdobrar em Félia, Magnólia Cardin, Magnolérrima. Seu gosto por escrever era evidente, e ela tinha consciência da potência da sua escrita:

E escrever, senhoras e senhores, ainda é a única coisa que consigo fazer muito bem neste mundo de Deus — modéstia à parte. E isto eu aprendi a fazer assim mesmo, por minha conta e risco, sem que ninguém me ensinasse. Daí, também, o fato de eu escrever tão bonito e tão bem, queiram perdoar” (SOUZA, 2002, p. 51).

* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).



Carmélia M. de Souza em vários momentos (Fotos sem crédito) Fonte: SOUZA, 1994.

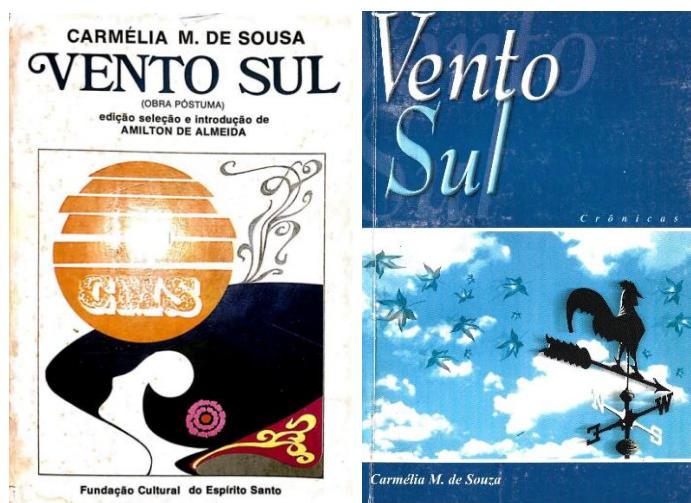
A cronista, que adotou para sua coluna a frase de Acyr Monteiro, "Esta ilha é uma delícia"¹, se popularizou com a criação de jargões como "Viva o Simpósio", e siglas como TFC, Tradicional Família Capixaba; Funap, Fundação Nossa de Assistência ao Pecado, e Greet, Grupo Experimental dos Existencialistas Traumatizados, que foram utilizados pelos amigos e por ela como temperos, sob a forma de ironia, nas suas crônicas. Carmélia foi uma pessoa invulgar e

¹ Segundo o jornalista Pedro Maia, "Carmélia veio de Barbacena, onde tinha uma coluna chamada Os Pardais, para fazer coluna social no lugar do Hélio Dórea, que tinha ido pra Gazeta. A ideia de colocar na coluna o nome Essa Ilha É Uma Delícia foi do Acyr Monteiro, que realmente gostava muito de Vitória. Carmélia queria colocar na coluna o nome Os Pardais, mas Acyr achava muito provinciano". [...] "Ela escreveu durante dez anos a coluna. Quando chegou a Vitória era toda magrinha, tímida" (1998, p. 61). Agradecemos a José Irmo Gonring a gentileza da informação.

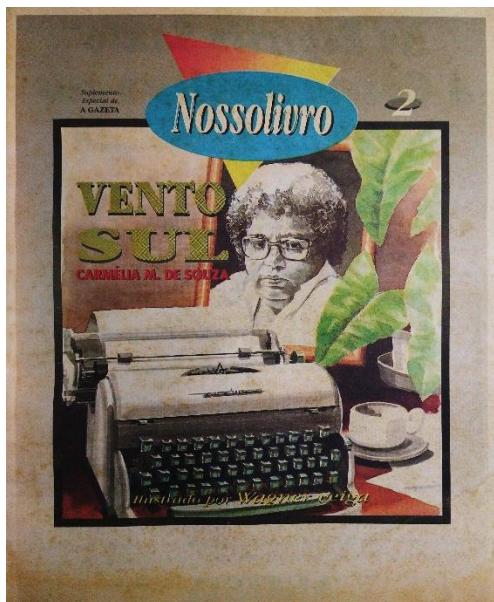
performática, como relembrou Sandra Medeiros em uma crônica, amiga da escritora durante muitos anos:

Misturava fantasia, bastidores das redações todas da cidade, da política, dos personagens que ocupavam as colunas sociais, com coisa mais séria: cinema e existencialismo. [...] Pequenas bobagens para fazer graça. Como a sua brincadeira de encerrar, brusca e temporariamente, uma amizade: ao que ela chamava *ficar de mal* e normalmente durava poucas horas – se é que durava – e em casos raros, alguns poucos dias. Ela mesma se divertia e ria muito com isso (MEDEIROS, 2024).

O gênero “crônica” possibilitou que Carmélia compartilhasse a sua irreverência, falando ao povo capixaba — seus leitores — na primeira pessoa: “É tempo de entender muitas coisas, de renovar o estoque de mentiras lindas e de esperanças” (SOUZA, 2002, p. 87). A cronista — sujeito confessional sem papas na língua — abordou variados temas, poeticamente apresentados, como a cidade de Vitória, suas ruas — e bares —, personalidades conhecidas e desconhecidas, bem como sentimentos íntimos: “Pois assim estou eu hoje: atacadíssima, na maior crise existencial-política-espinafrativa-avulsa de que já se ouviu alguma notícia na história” (SOUZA, 2002, p. 106). Escritos e vivências acabaram transformando Carmélia em uma referência para os escritores capixabas.



Capa da primeira (1976) e da última edição (2002) de *Vento sul*.



Capa de *Vento sul – crônicas*, de 1994, pelo Projeto Nossolivro, v. 2, de *A Gazeta*.

A escritora buscou matéria para sua escrita no trânsito cotidiano por variados espaços sociais, bem como no relacionamento com diferentes grupos, desde a turma do boteco, “a corriola”, como ela gostava de dizer, até com pessoas da alta roda social e política. Medeiros (2024) ressaltou que Carmélia “Sabia tudo de Vitória. Conhecidos, tinha muitos. Amigos, em lugares díspares. Embora a maioria intelectuais, boêmios (de famílias tradicionais ou não)”. As crônicas de Carmélia permitem que o leitor tenha uma ideia dos espaços físicos e da sensibilidade espírito-santense da época.

Na introdução de *Vento sul*, Amylton de Almeida descreveu ricamente o cenário das décadas em que Carmélia viveu e atuou como escritora. Acredito que o escritor intuiu a necessidade de que os leitores vindouros se afinassem um pouco com o *Zeitgeist*, ou seja, compreendessem melhor o espírito da época que moveu a subjetividade, a cosmovisão e a produção carmeliana.

Esta seleta traz textos que buscam apresentar exemplos daquela sensibilidade de modo mais pessoal, em escrita confessional, aparentemente sem o filtro da ficcionalidade que configura as crônicas. Eles falam de amor, mostram um pouco

a ironia — traço privilegiado da escrita de Carmélia —, o fino trato da escritora na “carta a um amigo”, produção pertencente ao período epistolar da sua obra, e dois textos que mostram Carmélia se performando perante o seu público, “Perfil” e “Autocrítica”.

Consideramos relevante destacar o papel importantíssimo de Carmélia para a escrita de autoria feminina no Espírito Santo. Mulher e negra, a sua inteligência e perseverança cimentaram caminho para que outras escritoras ingressassem no campo jornalístico, espaço historicamente dominado por homens brancos.

Carmélia não fez das suas crônicas espaços de bajulação e nem parecia muito preocupada em agradar, mantendo a autonomia e a autenticidade da sua produção: “É melhor não me pedir que justifique coisa nenhuma. Eu não gosto, — e você sabe —, de ficar dando muitas explicações. Não gosto de justificar as minhas atitudes, as minhas decisões” (SOUZA, 2002, p. 153).

A história conta que as pioneiras a terem os seus textos publicados em jornais — na maioria das vezes poemas e traduções de textos — o faziam sob a máscara do pseudônimo, pois a exposição pública de uma mulher era algo negativo para a honra da mesma e para o nome da família. Carmélia assumiu ser ela mesma e pagou o preço por sua coragem, ela dizia: “Aliás, dos meus inimigos, ignoro-os e pronto” (SOUZA, 2002, p. 47).

A análise dos textos de Carmélia, realizada à luz das teorias contemporâneas, é algo importante, mas acreditamos que é também relevante que pesquisadores e leitores se permitam afetar por esses textos, ou seja, que não ignoremos a ressonância que eles provocam, conforme descreveu Amylton de Almeida: “a inteligência” e o “amplo sentimento de mundo e da brevidade das coisas”, que Carmélia possuía, foram **sentimentos que encontraram ressonância nas gerações posteriores**, e que, assim como ela, “romanticamente, sonhavam

com um mundo de igualdade, fraternidade e liberdade" (SOUZA, 2002, p. 25, grifo nosso).

Amylton de Almeida (2002, p. 26) destacou que Carmélia não sobreviveu aos anos 1970, "década de violência, grosseria e aspereza", "tempo de trevas, do culto à idiotice", mas Carmélia decidiu, como filosofia de vida, "botar o amor acima de qualquer outra coisa que exista", até porque, para ela "o maior problema que existe no Estado do Espírito Santo [...] é a falta de amor" (SOUZA, 2002, p. 132). A escritora também registrou um profundo sentimento de gratidão pela vida:

O que sou hoje é essa vontade de dizer obrigada, [...] porque eu quero que sempre seja assim: a ponte, a amizade, a compreensão, a pureza que busco em cada gesto de vocês, o reencontro, a poesia [...] sem importar com o tempo que me envelheceu antes do próprio tempo.

Lançar um olhar sobre a obra de Carmélia, cinquenta anos após a sua partida, é um desafio que impõe, também, imaginação. Tendo em vista que um incêndio destruiu grande parte da sua produção, vale buscar as pessoas que conviveram com a escritora, para que possam enriquecer o pouco que já sabemos sobre ela, elucidando o que intuímos e trazendo à luz conteúdos que ainda não conhecemos.

Viva o Simpósio! Viva Carmélia!

Referências:

ALMEIDA, Amylton de. Vento sul [Orelha]. In: SOUZA, Carmélia M. de. *Vento sul – crônicas*. Edição de Amylton de Almeida. Vitória: Fundação Cultural do Espírito Santo, 1976.

ALMEIDA, Amylton de. *Vitória, meu amor*. In: SOUZA, Carmélia M. de. *Vento sul – crônicas*. Edição do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo (Neples). 3. ed. Vitória: Gráfica do Espírito Santo, 2002. p. 9-27.

BOMFIM, Renata. Amor e humor em *Vento Sul*, de Carmélia Maria de Sousa, a cronista do povo. 21 dez. 2016. In: _____. *Letra & fel – literatura e meio-ambiente*. Vitória, 2007-. Disponível em: <<https://letraefel.blogspot.com/2016/12/amor-e-humor-em-vento-sul-de-carmelia.html>>. Acesso em: 24 abr. 2024.

MAIA, Pedro. Sobrinho do coronel. In: GURGEL, António de Pádua (Ed.). *O Diário da Rua Sete - 40 versões de uma paixão*. Vitória: Contexto Jornalismo & Assessoria, 1998. p. 56-61.

MEDEIROS, Sandra. Carmélia, a cronista que cultivava abóboras. Disponível em: <<http://sandramedeiros.wordpress.com/2024/08/27/carmelia-a-cronista-que-cultivava-aboboras/#like-7503>>. Acesso em: 12 de set. 2024.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Vento sul*, de Carmélia (Orelha). In: SOUZA, Carmélia M. de. *Vento sul – crônicas*. Edição do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo (Neples). 3. ed. Vitória: Gráfica do Espírito Santo, 2002.

SOUZA, Carmélia M. de. *Vento sul – crônicas*. Edição de Amylton de Almeida. Vitória: Fundação Cultural do Espírito Santo, 1976.

SOUZA, Carmélia M. de. *Vento sul – crônicas*. Edição de Amylton de Almeida. Vitória: A Gazeta, 1994. (Projeto Nossolivro, v. 2).

SOUZA, Carmélia M. de. *Vento sul – crônicas*. Edição do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo (Neples). 3. ed. Vitória: Gráfica do Espírito Santo, 2002.

SELETA

PERFIL¹

Nome completo: Carmélia Maria de Souza.
Idade: às vezes 15 às vezes 80 anos.
Estado civil: o tempo não dá para explicar.
Profissão: cronista do povo.
Hobby: até uma certa idade, admito, depois acho que é tara.
Pintor: Renoir.
Pessoa que mais detesta: Maysa.
Disco preferido: "Barquinho" (com Maysa)
Defeitos maiores: um porrilhão deles.
Qualidades: inteligência e lealdade.
Alegria: o riso dos amigos.
Fossa: a minha — de cabo a rabo.
Flor preferida: bem-me-quer.
Cidade: Vitória.
Uma frase: "Em tudo quanto olhei, fiquei em parte" (Fernando Pessoa).
Opinião sobre a vida: é bela, eis tudo.
Opinião sobre a morte: ridícula.
Quando? Por quê? Como? Ontem. Porque sim. Por amor,
Mais alguma coisa a declarar? Sim, sou inocente.

¹ Texto de abertura da parte 1 de *Vento Sul*, intitulada "Esta ilha é uma 'delícia'" (SOUZA, 2002, p. 31).

AUTOCRÍTICA

Os outros & cá entre nós

Afinal, depois de tanto escrever sobre os pecados alheios, chegou um dia e alguém exigiu de mim, que eu escrevesse sobre os meus próprios. Faço isto com certo cabotinismo, confessando-me até orgulhosa da importância que os meus defeitos me deram. De certa forma, sempre tive orgulho de mim — destes meus 84 quilos de sinceridade, de erros, de sonhos, de poesia... e outros pecados menores. Lá vai brasa, pois.

Desilusão e loucura

Quando as pessoas me conhecem, a primeira impressão é que sou desiludida da vida e doida. Com algum tempo de convivência diária, acabam chegando à conclusão de que sou apenas doida. Não o nego e não me envergonho desta evidência gloriosa. Confesso que Ela me envaidece.

Inteligência & coração

Sou honesta o suficiente para reconhecer que sou bastante inteligente. Muito mais do que possa demonstrar, em face das conveniências. Justifico, por outro lado, os meus momentos de imbecilidade total: é que, alguma vez, também, sou toda coração.

[...]

Bruxaria & bondade

Na maior parte das vezes, não sou alguém a que se possa classificar como uma pessoa boa. Colocar-me no time dos bons é cometer injustiça das maiores. Todavia, sei que não sou totalmente má. Mas a grande verdade mesmo, é que tenho cá os meus gloriosos momentos destinados às mais terríveis operações-bruxaria. Nestas horas, salve-se quem puder — pois sou capaz das coisas mais cruéis, perversas, incríveis. Sou capaz de fazer inveja até mesmo à Maga Patológica, quando de parceria com Madame Min. Sou fogo. Graças a Deus, consigo ser ruim.

Sexo oposto & distração

Tanto quanto bruxa, sou irremediavelmente distraída. Graças ao quê, vivo perdendo coisas por aí: simpatias, óculos, relógios, dinheiro (quando tenho), livros, sombrinhas e até mesmo as boas oportunidades. Tenho perdido algumas noites também, só que as perco em conversas compridas com os amigos, destas que a gente gostaria que nunca chegassem ao fim. Prefiro, para os papos da madrugada, as companhias do sexo masculino, mas no campo das amizades, sinto que me dou melhor com o sexo oposto. Desde menina. Por outro lado, aprecio os homens feios — desde que o interior seja honesto e bonito. Nos homens, embora Milson seja bastante bonitão — não é a beleza física que me atrai e cativa. É sim o caráter, o bom gosto. Havendo muito borogodó, sou até capaz de dispensar o caráter, ainda que seja evidente que o homem sem caráter jamais terá borogodó nenhum. Dito o quê, o bruto deve ser assim.

Fossa & amizade

Já se tornou tradicional o meu ouvirem dizer de vez em quando que estou numa fossa desgraçada. Isto dá para entender quando não me envergonho de confessar que a vida me tem maltratado, que vou aprendendo a sofrer quando é preciso. Que há momentos em que sou obrigada a colar a cabeça no travesseiro e, alguma vez, de noite também, chorar baixinho. Que sou um pouco triste e atormentada também um pouquinho. É natural e humano o pranto, tanto quanto o riso, na geração de onde eu vim e na geração deste tempo que nos foi dado para viver. Sou decididamente uma jovem velha que tem vivido depressa

e às vezes choro porque me sinto triste. Isto não impede, todavia, que eu me saiba uma pessoa perdidamente feliz.

Não tenho queixas da vida, porque ela ainda me dá razões para olhar as estrelas e repetir em silêncio o nome de Deus. Razões para agradecer o meu quinhão de felicidade no confuso meio de uma realidade ruim. Razões para continuar e conservar o sentimento de amor que eu sinto em mim e oferecê-lo inteiro em troca do gesto ou da palavra amiga dos que estão comigo. Dos que também me amam.

[...] (SOUZA, 2002, p. 32-34).

CARTA A UM AMIGO

Já faz algum tempo que recebi o seu cartão, mas só agora as circunstâncias me permitiram que eu te dissesse — obrigada. Achei lindas as velas dos seus barcos e eu prometo a você, com toda a sinceridade, que a minha amizade há de ser sempre constante, firme e vertical como elas. Muitas vezes hei de estar ao seu lado neste cais em que você ancorou, para te falar também da minha ternura e das minhas saudades. E enquanto isto não acontece, eu te darei notícias daqui e contarei tudo quanto for possível contar a respeito dos amigos que você conquistou e que nunca te esquecem.

Vamos, pois, às notícias:

1 - Já não penso mais em dar cabo da vida, conforme pretendia, porque compreendi que a minha morte, que constituiria para vocês uma grande tragédia, certamente haveria de constituir uma tremenda felicidade para os meus inimigos gratuitos. Resolvi, portanto, não lhes dar a alegria de passar por cima do meu cadáver. Mesmo porque há coisas mais importantes para eu fazer, do que morrer. Descobri (em tempo) que, apesar de tudo, ainda pode ser bela a vida. E que, uma vez estando na briga, devo continuar brigando até o fim. Por menor que seja a minha participação, um dia me saberei também um pedaço desta ponte que haverá de conduzir a humanidade para um mundo melhor. Que seja esta, pelo menos, a minha compensação.

2 - Se te importa saber, a fossa continua. E está cada vez maior, porque mais generalizada, talvez. Acredito que você ficará feliz ao saber que a bruta se tornou mais firme e muito mais profunda, também. E você não pode calcular, para que a mantenhamos assim, a quantidade de conhaque que temos consumido no Britz, madrugada afora.

3- Quanto ao pessoal, você também gostará de saber que estamos cada dia mais tresloucados. Uns pensando em ir morar na Ilha da Pólvora, Há quem esteja pensando em se transformar num revendedor de plástico. E há também os que deram para frequentar terreiros de macumba nas noites de sexta-feira. Mas todos continuam leais e amigos, se encontrando todas as tardes ou todas as noites para ouvir Bach, Vivaldi, Beethoven e Chico Buarque. Mas ninguém se suicidou ainda, o que eu considero uma desmoralização, em se tratando de crise metafísico-existencial.

4- De minha parte, voltei a ler Sartre. No momento, estou novamente percorrendo os caminhos da liberdade. E agora mais do que nunca estou a fim e achar que o João Paulo, bem que merecia entrar pra nossa corriola.

5- Ia me esquecendo de contar que acabamos de criar o Funap — Fundação Nossa de Assistência ao Pecado. E o Greet — Grupo Experimental dos Existencialistas Traumatizados, que visa a “observação do ego, através da obscuridade do vácuo”. (Ou da vaca).

6- No mais, José, continuamos sendo encarados pela TFC como uns verdadeiros bandalhos. Mas o que essa gente não sabe é que sempre haverá entre nós alguém para escrever um poema de amor e publicá-lo nos jornais. Ou alguém para fazer o gesto de ternura que aprendemos a fazer, em troca de todas as pedras que nos são atiradas.

Eu te abraço longamente agora. Com uma profunda e muita sincera amizade. Sou a sua muito amiga mesmo (SOUZA, 2002, p. 47-48).

OS DEZ MAIS IDIOTAS¹

O tempo presente não é apenas de margaridas. Nem tão pouco de LSD. Muito menos é tempo somente de alegria, alegria. Ou de reações psicodélicas, provocando convulsões da mesma cor.

O tempo, este tempo que passa na janela e só Carolina não vê, é um tempo também de listas dos dez mais. Aliás, diga-se, a bem da verdade: é um tempo meio sobre o fora do próprio, pois, se bem me ocorre, esse negócio de dez mais, há muito já caiu de moda. D. Benedito ainda era vivo e já se fazia, aqui, aqui no Espírito Santo, as chamadas listinhas de dez-mais-uma-porção-de-troços: desde os dez mais bem vestidos, até os dez mais pelados — o que devia constituir o maior desrespeito aos dez-mais tradicional-família-capixaba da época.

A verdade é que não se sabe ao certo a origem desta — com perdão da palavra — desta mariquinham social. O finado Adão — presumo eu — teria sido o inventor da primeira corriola de dez mais que existiu na história da humanidade. Como não havia mais ninguém, ele próprio se elegeu um dos dez mais únicos do paraíso, deixando a pobre Eva na reserva.

Fiz, há algum tempo atrás, a minha lista de dez mais borogodentos. Fiz por mera gozação, é claro. Mas houve gente que não entendeu e acabou se enfeitando pra valer. Foi o diabo.

Mas o que eu tenho vontade de fazer mesmo é a lista dos mais chatos — queiram outra vez me perdoar a palavra.

Chegamos até mesmo a fazer uma reunião fechadíssima em minha casa, a fim de selecionar devidamente o pessoal, de maneira que não fosse esquecido ninguém. Ao cabo de muita conversa e alguma discussão, ficou resolvido que não seria possível: esta ilha tem chato que não acaba mais! Ao invés de fazer uma lista, decidimos pelo processo do avião (aquele que

¹ Essa crônica foi publicada no jornal “A Tribuna” do dia 4 de fevereiro de 1968 (SOUZA, 2002, p. 49-50).

vai se arrebentar pelos ares nos dez primeiros minutos de vôo...), que vem a ser o único jeito que a gente encontrou de limpar a praça. Será o primeiro avião do mundo a decolar com reboque — o reboque deverá levar aquela turma que não se convenceu ainda de que é chata. E, por isso, *pensa* que não vai....

Toda vez que alguém faz uma lista de dez mais elegantes, dez mais bonitas e outras bossas me sinto tentada a fazer a minha listinha particular — isto é — a lista das dez mais que ficaram na fossa, porque não foram citadas.

No presente momento, ando com a vontade de fazer a lista dos dez mais idiotas. E se ainda não fiz é porque estou com medo da coisa acabar em pancadaria — o que está na mais completa escala de possibilidades, ainda que eu botasse, só para despistar, o meu nome encabeçando a lista.

Diante de tanta dificuldade, o melhor mesmo é tirar o quadrúpede de sob a explosão da atmosfera — quer dizer — tirar o cavalo da chuva. Enquanto é tempo e sem mais demora.

Resolvi, porém, para não morrer de frustração, aceitar a sugestão do meu amigo Gilberto Tristão, que me aconselhou outro dia a fazer a lista das coisas que a gente precisa falar baixinho, a fim de não escandalizar a carneirada. Trata-se de uma lista constituída de coisas que a gente detesta, mas que a maioria adora. E vice-versa. Lá vai, pois.

Coisas que eu detesto: caviar, champanha, festa estilo soçaite, soçaite, jorge amado, programa “Um instante maestro”, praia, telenovela, reunião com muita mulher, mulher (em geral), livro “best-seller”, dona bibi ferrreira, muqueca de peixe, o samba “Apelo”, homem bonito (só abro exceção para o Alain Delon — ele é demais!) e almoço em família.

Coisas que eu adoro: inverno, vento sul, café sem açúcar, frescura, desgraça alheia, jiló, música clássica, noite, irmãos metralha Itda, trocadilho infame, homem feio, simplicidade, pinga, gripe e sogra.

DECLARAÇÃO DE AMOR

E depois de tudo isso, veio a chuva — você se lembra? E então eu te pedi que não tivesse medo. Você riu. Riu de medo. Eu fiquei com pena de te querer tão sem medo e tanto, que te cobri com minhas mãos, com meus braços, com minhas palavras, com meu silêncio, enfim.

E depois, a gente passou a respirar junto.

A dizer, calados, as mesmas palavras.

A ouvir as mesmas palavras.

— Te lembra?

Se não te lembra, eu vou te lembrar: veio a chuva. Você ficou com medo. Eu te pedi que não tivesse medo. Você riu. Riu de medo. E eu fiquei com pena de te querer tão sem medo e tanto que te cobri com minhas mãos, com meus braços, com minhas palavras, com meu silêncio, enfim.

— Diz que me ama — eu te pedi.

— Não tenho certeza — você falou.

— Diz que me ama.

— ...

— Um dia você disse que me amava.

— Então não pergunta. Eu já disse.

Olha, não tenho medo, não tenho nada. Eu tenho tudo e tudo isso é nosso porque é meu e porque é o que eu sou, é você, e o que você é, eu sou. Então, tudo o que a gente tem, consequentemente, é de um e do outro. É de nós.

Por exemplo: esse amor. Esse medo. Esse desespero. Essa aflição. Esse mar. Essa Maria Bethânia cantando. Essa casa cheia de amor, esse vento que vem do mar e do mundo. Essa desordem gramatical. Essa saudade. Essa vontade de que um amigo querido estivesse aqui.

Eu não te vejo agora, meu amor. O retrato está longe, dentro de uma gaveta, cuja chave eu não tenho hoje. Mas eu te busco, eu te amo — lá dentro dessa gaveta

ou fora dessa gaveta. Que importância têm as gavetas fechadas quando se pode ter e tocar as coisas que estão lá dentro?

Então — imagine — eu te vejo e te *sinto* do meu coração. Do meu sorriso. Do meu pranto. Do barulho do mar, indo e vindo. Eu te vejo e te sinto em tudo que está em volta e dentro de mim. De mim — eu, que não sou gaveta, nem barco parado, sem rumo. Eu, que sou apenas CARMÉLIA MARIA DE SOUZA. E te amo. Te amo baixinho à beça.

Outubro, 1972 (SOUZA, 2002, p. 168-169).

Recebida em: 1 de setembro de 2024.
Aprovada em: 28 de setembro de 2024.